



THEATRO DO RIO NU

O NOIVO

(MONOLOGO)

E' minha sim, enfim, pois bem: hei de empurrar... Venho de ponto em branco agora de pedilla!

(Passo)

E' minha? E se não for? Irreição do destino, Tudo pode fallar neste mundo noivo!

(Reflectindo)

Mas neste céo azul em vejo um ponto escuro... Vamos, pensemos bem, pensemos no futuro. Preciso reflectir, é preciso pensar.

(Passo)

Mas é tão bom casar, deve ser tão gostoso. De noite apical o infinito gozo.

(Passo)

Um mez depois lá vem fazer um visita — Isto é de praxe e no grand monde se usa — A prima Moricote e a tia Dona Rita

(Passo)

Lá vai pela água abito a rousso flores ninho, Da nossa paternidade a parentela aliana

(Passo)

Non: um momento mais de sôcego se foge E para que mais clara a salva se traduza

(Passo)

Para covar o formidável logro Da nossa casa — hospedaria censa — Vem jantar-se ignominio meu bom sogro

(Passo)

E é preciso cautela e muita prevenção E que de olho alerta a gente se conduza.

(Passo)

Raios os partam! Quem se dá ao luxo Al! de casar se, minha pobre minha, Ha de aguentar cabido este rejuico.

FOLHETIM

A VINGANÇA

DE UM SAPATEIRO

PRIMEIRA PARTE

III

A VINGANÇA

(Continuação)

— E a mulher, homem? E a mulher? — Uma delicia, disse o Manuêlino, pouco os deves esqueceres em boca e

E' tudo indolência e fardo, E que curvas, homem, e que curvas! — Vem, vem, minha sorte, Manuêlino!

— Fomos entrando. Ah! sen João, que arazão! — E' feno, hein? — Que arazão e que mulher! Bico, veridicamente!

— Fomos entrando. Ah! sen João, que arazão! — E' feno, hein? — Que arazão e que mulher! Bico, veridicamente!

— Fomos entrando. Ah! sen João, que arazão! — E' feno, hein? — Que arazão e que mulher! Bico, veridicamente!

(Passo)

Mas é tão bom casar, possuir um thesouro Se este enlao fallar em rebento, eu o entoro,

(Reflectindo)

Oh! deve ser horrondo uma sogra aturar. Nada, pensemos bem.

(Resoluto)

Eu não sou domador, não a quero aturar, Case-se quem quizer. Eu dispense a mulher. Pois reflectindo, bem melhor é não casar!

ESTAO NA LAVADEIRA

(AO ACT. DO D.)

Haveri por ahí, no Rio de Janeiro, quem não conheça a Olette, uma bella rapariga, de olhos negros, um peixinho esculpi!

Uma tarde, ás 5 horas, ao dobrar da rua dos Ourives para a do Ovidor distinguia a Olette á porta de uma florista. Vela e descegi a foi obra de um instante.

Quando a humilhação offrendo com a casa do Bicho-Floa a Olette, despedindo-se dos cavalheiros, seguiu devagarinho, a subir a rua do Ovidor até ao Paschoal.

Quando a janota arreata a aza Para agrada a tal fulana, Compra o chapéo n'aquella casa Chapelaria Americana.

Enternidade — Ah! Doutor, por piedade! Não supporto a operação!

Quando o marido que se amole, Quem o mundo não dá a mulher aquillo a que ella tem direito?

— E' o marido, perguntou João da Cunha, e o marido não sabe nada?

— E' o marido, perguntou João da Cunha, e o marido não sabe nada?

Deu um grito a capariga, E mostrou a' uma grande armada. Um peixinho acima da foga!...

— Então, José! Perguntou O Doutor José Moraes.

MODINHAS BRAZILEIRAS

Collecção de modologos, cançonetas, menas contos e poesia

Cantata de Cunegundes

As mulheres neste mundo Quasi sempre são levadas E têm, ás vezes, diamadas, As unhas odio profundo

— E, não posso entrar agora! — Não, filhinho, não é com pouca roupa que se apanhais as mulheres.

— Olá sen traste! Tu vens do céo! E este chapéo? Onde o compraste?

PREMIOS DO RIO NU

No nosso penultimo numero foi premiada: no Mote a concursa, P'raza Sincera, que obteve o primeiro logar.

— E' o marido, perguntou João da Cunha, e o marido não sabe nada?

— E' o marido, perguntou João da Cunha, e o marido não sabe nada?

— E' o marido, perguntou João da Cunha, e o marido não sabe nada?



